

# INTRODUÇÃO À EDUCAÇÃO CLÁSSICA

FRITZ HINRICHS

A educação cristã tornou-se algo parecido com uma ciência perdida. Os cristãos não só têm feito muito pouco para preparar seus filhos para que tenham intelectos piedosos (centrados em Deus), mas a incompetência intelectual tem sido vista como a fiel companheira da vida espiritual. Tem-se encarado um cérebro preguiçoso como uma ferramenta vital para se ter um coração manso. Em nossos dias a busca do rigor mental e do intelecto vigoroso tem sido associadas à rigidez doutrinária e frieza espiritual.

Mas, pela graça de Deus, com o crescente interesse pela educação clássica, estamos vivendo um avivamento da tradição intelectual cristã.

## QUE É A EDUCAÇÃO CLÁSSICA?

A educação clássica difere da maioria das filosofias educativas no fato de que, retirando-se de entre a fileira de teorias educativas que parecem nos manter em um estado de contínuo desconcerto, pergunta:

“Com que se parecia a educação no passado?”

“Que livros se usavam?”

“Que metas eram consideradas importantes?”

Dorothy Sayers, em seu bem conhecido ensaio *As Ferramentas Perdidas da Aprendizagem*, tentou responder a estas perguntas, e ao fazê-lo nos deu alguns sábios conselhos para a educação em nossa própria época. Ela começa investigando o modelo medieval de educação e nos conta que ele se compunha de duas partes: a primeira era chamada de Trivium, e a segunda de Quadrivium.

O Trivium continha três áreas: Gramática, Dialética e Retórica. Cada uma dessas áreas se achava especificamente ajustada a uma das etapas do desenvolvimento mental da criança.

*O Período Gramatical.* Durante seus primeiros anos, a criança estuda a porção gramatical do Trivium. O período gramatical (de 9 a 11 anos) inclui a aprendizagem de um idioma — preferivelmente um idioma antigo, como o Latim ou o Grego — isto irá requerer que a criança passe uma boa quantidade de tempo aprendendo e memorizando sua estrutura gramatical.

Durante seus primeiros anos, as crianças possuem uma enorme habilidade natural para memorização de grandes quantidades de conteúdo, ainda que não possam entender seu significado. Este é o momento para encher-lhes de tarefas, tais como as tábuas de multiplicação, geografia, acontecimentos, datas, classificação de plantas e animais: qualquer coisa que sirva para a fácil repetição e assimilação mental.

*O Período Dialético.* Durante o segundo período, o período Dialético (de 12 a 14 anos), a criança começa a entender o que aprendeu e começa a usar sua própria razão para fazer perguntas baseadas nas informações que reuniu durante o período gramatical.

*O Período Retórico.* A Sr<sup>a</sup>. Sayers menciona que o terceiro período é o da Retórica (de 14 a 16 anos). Durante esse período a criança passa da mera ação de seguir a sequência lógica dos argumentos para aprender a como apresentá-los de maneira persuasiva, esteticamente agradável.

## APRENDENDO A APRENDER

Na educação moderna temos posto o proverbial carro na frente dos bois ao esperar que os estudantes dominem uma grande quantidade de matérias antes que tenham dominado as ferramentas da aprendizagem. Mesmo quando o estudo do idioma e da lógica possam parecer algo tedioso em si mesmo, essas são as ferramentas de que se necessita para desenvolver-se, para ser capaz de assumir a tarefa de dominar qualquer conteúdo específico, seja a história política escocesa ou o funcionamento de um carburador. Sayers finaliza seu ensaio com esta linha: “O único fim legítimo da educação é simplesmente este: ensinar os homens a como aprenderem por si mesmos; e qualquer ensino que falhe em fazer isto é esforço vão.”

“Aprendendo a aprender por si mesmo” certamente resume bem a meta pedagógica da educação clássica. Mas, tão logo você possa aprender por si mesmo, para onde irá?

## GRANDES LIVROS DO MUNDO OCIDENTAL

Outro refrão educacional útil aqui é: “A educação é meramente convencer alguém da grandeza dos livros”. Nesse sentido devemos perguntar: “Que livros são mestres dignos?” A resposta a essa pergunta geralmente depende do que estamos tentando aprender. Se não entrarmos nesse específico e perguntarmos apenas: “Quais são os livros realmente grandes?”

veremos que, de fato, há um acordo bastante amplo sobre a resposta a esta pergunta. Através da história certos livros geralmente têm sido vistos como cruciais para o desenvolvimento da cultura ocidental, e têm tido um impacto excepcionalmente grande devido à profundidade e eloquência com as quais expressam suas idéias. Estes livros formam o coração da tradição intelectual ocidental. As idéias contidas neles formaram a saga que conhecemos como História Ocidental. Quem cresceu no ocidente — e com “ocidente” quero me referir à Grécia, Roma e Israel, e às culturas que delas descendem, o que inclui a América, a Comunidade das Nações Britânicas e a Europa Ocidental — e deseja entender o contexto no qual se formou, deve ler tais livros.

Com o propósito de chegar a um entendimento auto-consciente das idéias que deram forma à cultura ao nosso redor, necessitamos tratar com as idéias em sua fonte original. Francis Schaeffer tinha um excelente sentido do fluir das idéias. Ele explicava como as idéias começavam com os filósofos, se disseminavam para as pessoas em geral por meio das universidades, chegavam aos meios populares de informação, e finalmente à cultura em geral. Uma vez que as idéias progridem dessa forma, cabe a nós nos familiarizarmos com as idéias em sua fonte, para que possamos entender suas manifestações em nossa cultura atual. Desta maneira, ler os grandes livros serve como uma importante função apologética para os cristãos; os livros nos permitem lidar com as idéias que deram forma ao pensamento daqueles que se encontram à nossa volta. Antes que possamos ministrar como evangelistas, devemos saber no que nosso próximo já crê.

Vivemos no contínuo da história ocidental. Para avaliar esta corrente da qual somos parte, devemos dar um passo atrás, afastando-nos assim um pouco dela para discernir as idéias que lhe deram forma. Ignorar as idéias que deram forma à nossa história cultural é assegurar para nós mesmos não somente a irrelevância cultural mas também nosso estancamento no gueto cristão. Esta posição não só nos guiará à nossa própria pobreza intelectual mas, essa nossa covardia, será também um vexame para o Deus soberano. Os filhos do Rei não se escondem, mas, pelo contrário, caminham confiantemente, sabendo que o sol que brilha pertence ao seu Pai.